



Universidade de São Paulo

Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI

Escola de Artes, Ciências e Humanidades - EACH

Artigos e Materiais de Revistas Científicas - EACH

2013

Listas léxicas mesopotâmicas: estrutura, história e interpretações

Circumscribere : International Journal for the History of Science, São Paulo, v. 13, p. 29-45, 2013
<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/46216>

Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI, Universidade de São Paulo

Listas léxicas mesopotâmicas: estrutura, história e interpretações

Carlos H. B. Gonçalves*

Resumo

Este artigo é uma introdução ao estudo das listas léxicas mesopotâmicas, isto é, listas de sinais e de palavras produzidas ao longo da história da Mesopotâmia com o objetivo primeiro de possibilitar o ensino do sumério. Essas listas podem ser entendidas como objetos de conhecimento, ao mesmo tempo registro e ferramenta de produção de um saber sobre a língua que transmitiam. Exporemos o que é uma lista, exemplificaremos com algumas das principais listas léxicas e, por fim, reportaremos algumas das principais interpretações gerais que a literatura especializada tem feito sobre elas. Como contribuição ao tema, apresentaremos uma reflexão sobre a oposição entre as realizações concretas de listas léxicas em tabletes de argila e o texto teoricamente estabelecido do qual essas realizações concretas seriam derivadas, isto é, sobre a natureza textual desses objetos. Em segundo lugar, traremos alguns resultados da pesquisa recente que nos informam sobre a inseparabilidade de textos léxicos e matemáticos, senão do ponto de vista disciplinar, pelo menos do ponto de vista da preparação escribal.

Palavras chave: Assiriologia; Listas léxicas; Educação escribal

Mesopotamian lexical lists: structure, history, and interpretations

Abstract

The present article provides an introduction to the study of the Mesopotamian lexical lists, to wit, lists of signs and words formulated in the course of Mesopotamian history mainly to teach the Sumerian language. Those lists are also objects of knowledge, being both records of, and tools for the production of knowledge on the language they conveyed. First I discuss what a list is, and illustrate that notion with the description of some of the main lexical lists, to finally mention some of the prevailing interpretations on this subject. To contribute to the investigated topic, I discuss the opposition between the actual execution of the lexical lists on clay tablets, and the theoretically established text from which the tablet lists derive, i.e., the text-nature of those objects. Finally I report some results of recent research that point to the impossibility to separate the lexical from the mathematical texts, at least from the perspective of the training of scribes.

Keywords: Assyriology; Lexical lists; Scribal education

* Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, Brasil. E-mail: bgcarlos@usp.br

Introdução: uma nota pessoal

Este estudo sobre as listas léxicas nasceu de meu interesse sobre a cultura escrital do período paleo-babilônico. Até recentemente, esse interesse esteve concentrado apenas nos textos matemáticos, produzidos em grande parte nas chamadas *edubas*, isto é, nas escolas de escribas. A possibilidade de focar apenas os textos matemáticos, como quase que separados do seu ambiente de produção foi por muito tempo uma característica da pesquisa em história da matemática. Foi também um traço da pesquisa em assiriologia, que só raramente integrou os textos matemáticos e os textos léxicos, embora ambos sejam frutos do processo de preparação de um futuro escriba no período paleo-babilônico. Essa separação se legitimava a partir de uma percepção das funções distintas desses dois gêneros textuais. Se, por um lado, os textos matemáticos são o testemunho do treinamento dos escribas para tarefas como o planejamento da força de trabalho para executar uma construção, o cálculo de áreas de terrenos e de capacidades de granários e recipientes menores, a distribuição e o controle contábil de pagamentos a trabalhadores e de gastos das grandes instituições (palácio e templo), por outro, os textos léxicos evidenciam o estudos que os futuros escribas deveriam fazer do sumério, do sistema de escrita cuneiforme e, talvez, da relação do sumério com o acadiano.

Contraopondo essa tendência, nos anos mais recentes as publicações em história da matemática e em assiriologia têm insistido na necessidade de considerar esses dois corpos textuais, matemático e léxico, como indissociáveis (por exemplo, é o que argumenta Proust.¹ Da mesma forma, o esforço de compreender melhor a cultura escrital enquanto produtora de práticas e saberes matemáticos levou-me adicionalmente à necessidade de refletir sobre as listas léxicas.

Nesse contexto, o presente trabalho é, antes de tudo, uma introdução ao tema. Pela vinculação já mencionada de textos léxicos e textos matemáticos na formação de futuros escribas, o assunto se liga naturalmente às problemáticas da história das ciências. É claro que não é simples falar em “ciências” no âmbito da antiga Mesopotâmia, pois corre-se o risco de grandes anacronismos. Essas práticas da cultura escrital, entretanto, são produtoras e armazeadoras de certos tipos de saber, de formas de conhecimento, o que justifica, guardadas todas as medidas, sua ligação com a história das ciências.

Nas próximas seções, exporemos, de maneira sucinta, o que é uma lista, exemplificaremos com algumas das principais listas léxicas e, por fim, reportaremos, novamente de maneira sucinta, algumas das principais interpretações gerais que a literatura especializada tem feito sobre elas. Como contribuições ao tema, na conclusão, apresentaremos, em primeiro lugar, uma reflexão sobre a oposição entre as realizações concretas de listas léxicas em tabletes de argila e o texto teoricamente

¹ Christine Proust. *Tablettes mathématiques de Nippur*. Varia Anatolica, XVIII. (Paris, Istanbul: De Boccard, Institut Georges Dumézil, 2007).

estabelecido do qual essas realizações concretas seriam derivadas, isto é, sobre a natureza textual desses objetos. Em segundo lugar, traremos alguns resultados da pesquisa recente que nos informam sobre a inseparabilidade de textos léxicos e matemáticos, senão do ponto de vista disciplinar, pelo menos do ponto de vista da preparação escribal.

Generalidades sobre listas e listas léxicas

Em meio à numerosa quantidade de tabletas cuneiformes sobreviventes, destaca-se um conjunto de textos que podem, a grosso modo, ser classificados como listas. Há, assim, listas de sinais cuneiformes, palavras, profissões, provérbios, presságios, diagnósticos médicos, multiplicações e outras operações matemáticas, enunciados de problemas matemáticos, coeficientes numéricos e unidades de medidas, dentre outras.

Uma parte dessas listas parece ter sido especialmente voltada para a sistematização e o estudo do sistema de escrita cuneiforme e das línguas que o utilizaram, com destaque para o sumério. Essas são as chamadas listas léxicas e são atestadas desde o início da escrita, no período de Uruk IV, até o fim da tradição cuneiforme, no período selêucida.

No período paleo-babilônico, as listas léxicas ocuparam lugar de destaque na educação escribal. Em um ambiente em que o sumério não existia mais como língua falada correntemente, as listas léxicas serviam de material didático para seu estudo.² O estudo dessas listas era feito por meio de exercícios de cópia, com a função de provocar sua memorização.

No período neo-assírio, a função das listas léxicas parece ter sido outra, uma vez que elas atingiram tamanhos bem maiores do que o razoável de se esperar de material para memorização. Conjetura-se que as listas léxicas, nesse momento, tenham sido material de consulta nas bibliotecas dos palácios assírios. Alguns autores chamam esse inchamento das listas léxicas um processo de canonização, ressaltando o trânsito que esses textos fizeram do ambiente escolar para as bibliotecas, isto é, tornando-se textos canônicos, ou de referência, e não meramente escolares.

Não é muito fácil estimar a representatividade das listas léxicas, em termos de quantidade, em meio aos textos cuneiformes em geral. De todo modo, o número de tabletas cuneiformes contendo listas é significativo, e um exemplo informativo nessa

² Mais precisamente, o sumério desapareceu como língua falada ao longo dos primeiros séculos do segundo milênio, mas continuou a ser usado na forma escrita. Cf. Dietz O. Edzard, "Sumerian," em *Civilizations of the Ancient Near East*, ed. Jack Sasson (New York: Charles Scribner's Sons, 1995), 2.107-16, em 2.107.

direção é a biblioteca de Assurbanipal, onde de 20 a 30 por cento dos tabletos eram de listas léxicas.³

Por todas essas razões, considera-se que as listas léxicas são inseparáveis do entendimento da cultura mesopotâmica e de sua vertente escrita, o cuneiforme: “Listas de palavras são uma característica da cultura mesopotâmica antiga. De fato, o todo de sua 'ciência' consiste na enumeração e classificação de todas as entidades naturais e culturais. Essas são então compiladas em listas”⁴. Listas léxicas e bilinguismo iriam se tornar duas marcas características da cultura mesopotâmica escrita do segundo e primeiro milênio.⁵

A grande difusão que as listas léxicas tiveram demonstra também o grau de prestígio que possuíram:

“A flexibilidade dos arranjos do conteúdo das listas e a propensão para incluir ortografias e traduções raras de termos comuns são os maiores fatores para essa percepção do conhecimento como mercadoria privilegiada. A complexidade encabulada e a falta de praticidade de uma boa porção do currículo da eduba paleo-babilônica colocam o indivíduo que domina esse currículo e que obtém conhecimento nos mais altos estratos da sociedade.”⁶

História das listas léxicas

É possível que, paralelamente ao surgimento da escrita e seus desdobramentos levando ao sistema cuneiforme, desde o fim do quarto milênio, na cidade de Uruk, tenha sido desenvolvida também uma tecnologia de ensino da escrita. Essa tecnologia consistiu em sua maior parte - pelo menos, segundo a evidência que sobreviveu até nossos dias - na sistematização e cópia de listas de sinais cuneiformes e de palavras, isto é, nas listas léxicas.⁷ Isso, também com grande probabilidade, se deu no contexto do sumério, portanto as primeiras listas léxicas eram dirigidas a usuários que, se não falavam sumério eles mesmos, pelo menos viviam em um ambiente em que essa língua ainda era falada correntemente.

³ A. Leo Oppenheim, *Ancient Mesopotamia: Portrait of a Dead Civilization*. Revised edition, compl. Erica Reiner (Chicago: The University of Chicago Press, 1977), 16-7.

⁴ Miguel Civil, “Ancient Mesopotamian Lexicography,” in *Civilizations of the Ancient Near East*, 2.305-2.314, em 2.305.

⁵ Niek Veldhuis, “Introduction: What is a Lexical List?,” in *Digital Corpus of Cuneiform Lexical Texts*, University of California at Berkeley, 2010. <http://oracc.museum.upenn.edu/dcclt/intro/lexical_intro.html> acesso em 14 de junho de 2013

⁶ Laurie E. Pearce, “Materials of Writing and Materiality of Writing,” in *Gazing on the Deep: Ancient Near Eastern Studies in Honor of Tzvi Abusch* (Bethesda: CDLI Press, 2010), 167-79, em 169.

⁷ Niek Veldhuis, “Elementary Education at Nippur: The Lists of Trees and Wooden Objects” (tese de doutorado, Universidade de Groningen, 1997), 1.

Com a gradual transição da língua falada dominante do sumério para o acadiano, as listas léxicas tornaram-se o principal instrumento para o ensino do sumério, agora a usuários que o desconheciam como língua falada.⁸ Assim, as listas passaram a se prestar à transmissão do vocabulário sumério tanto no que se refere aos sinais cuneiformes usados para registrá-lo, como no que se refere à sua pronúncia. Devido a essa natureza didática, as listas léxicas do período babilônico antigo foram utilizadas no ambiente de educação escribal. O escriba, no seu aprendizado do sumério, trabalhava sobre várias listas específicas, que passaram a constituir algo como um programa - um currículo escolar - para o estudo do sumério. De uma escola para outra ou de uma cidade para a outra, essas listas sofriam variações, mas mesmo assim é possível reconhecer um compromisso com modelos que iam se tornando parte de uma tradição.

Com o fim da primeira dinastia da Babilônia, a segunda metade do segundo milênio presenciou um processo gradual de engessamento das listas léxicas, e a variabilidade que se vira no período precedente desaparece. Esse engessamento foi acompanhado de um aumento significativo na extensão das listas. Os textos canonizaram-se, e as listas que tiveram função escolar no período babilônico antigo tornaram-se agora objetos de erudição.⁹

A prática de confecção e estudo de listas léxicas manteve-se até o fim da tradição cuneiforme, durante os períodos de influência grega e romana. Há, de fato, exemplares do período selêucida que contêm transcrições para o grego indicando a pronúncia das palavras sumérias.

O estabelecimento do texto ou dos textos de cada lista léxica tem sido um dos grandes objetivos da pesquisa na área. A série de publicações *Materialien zum sumerischen Lexikon (MSL)*, iniciada em 1937 sob a direção de Benno Landsberger, e da qual ainda faltam dois volumes para publicar, é dedicada à reconstrução das listas.

Algumas questões técnicas para a descrição das listas

O termo lista é usado em dois sentidos. O primeiro deles é concreto e se refere a listas de fato existentes em tabletes cuneiformes oriundos de sítios arqueológicos mesopotâmicos. O segundo sentido é abstrato e se refere a listas idealizadas, residentes em uma memória imaginativa dos escribas. É importante entender essa distinção. O aprendizado de uma lista se dá por cópia, procedimento pelo qual a lista deve integrar a memória do aprendiz de escriba.

Tomemos uma lista (sentido abstrato) qualquer, por exemplo, a lista temática de objetos de madeira. Ela contém nomes de árvores, de utensílios para o trabalho no

⁸ Civil, 2.305-7; Vedhuis, "Introduction".

⁹ Antoine Cavigneaux, "Lexikalische Listen," *Reallexikon der Assyriologie* 6 (1980-83): 609-41, em 616.

campo, de móveis, dentre outros. É uma lista geral e abrange a parte da realidade constituída de objetos de madeira. Entretanto, realizações diferentes dessa lista, isto é, listas (concretas) de objetos de madeira, da forma como figuram em tabletes de argila, podem diferir entre si, tanto na inclusão ou exclusão de alguns itens como em sua ordem. As listas no sentido concreto são então realizações ou performances das listas abstratas. A situação já foi comparada com a dos poetas de tradições orais, cujas performances de um mesmo poema podem diferir em detalhes como a inclusão ou exclusão de certos versos ou de episódios secundários do poema, mas que mesmo assim são reconhecidas como performances do mesmo poema. Nessa comparação, é notável o papel primordial da memória no registro das listas.¹⁰

Esse quadro, porém, deve ser nuançado em relação ao uso das listas paleo-babilônicas em períodos posteriores, em que muitas delas se ampliaram enormemente e se congelaram, constituindo o que se convencionou chamar textos canônicos. Nesse período, as listas parecem ter sido preservadas fundamentalmente por suas versões escritas. Assim, “as listas serão acima de tudo recopiadas um pouco como os manuscritos clássicos da idade média” (Cavigneaux 1980-1983, 617).

As listas são nomeadas de acordo com sua linha inicial. Os nomes das listas que iremos abordar neste trabalho e os períodos a que pertencem estão resumidos na lista a seguir:

| | |
|---------------------------|---------------------------|
| A-A A-A-A | Período babilônico antigo |
| tu-ta-ti | Período babilônico médio |
| Proto ur ⁵ -ra | Período babilônico antigo |
| ur ⁵ -ra | Período babilônico médio |
| Proto Ea | Período babilônico antigo |
| Ea | Período babilônico médio |
| Proto Izi | Período babilônico antigo |
| Proto-Kagal | Período babilônico antigo |
| Proto-Nigga | Período babilônico antigo |
| Proto-Diri | Período babilônico antigo |
| Diri | Período babilônico médio |

Vê-se, assim, que uma mesma lista ocorre em períodos diferentes da história da Mesopotâmia. As primeiras listas que foram estudadas sistematicamente pela assiriologia eram provenientes do primeiro milênio. Quando se descobriu que as mesmas listas existiam em versões do período babilônico antigo, estas foram batizadas com o mesmo nome anteposto do prefixo “proto”. Assim, “proto” não deve ser

¹⁰ Niek Veldhuis, “Continuity and Change in the Mesopotamian Lexical Tradition,” in *Aspects of Genre and Type in Pre-Modern Literary Cultures* (Groningen: Styx Publications, 1999), 109-10. Entretanto, já se propôs, para os poemas épicos, uma teoria da performance em termos de improvisação a partir de uma linguagem formular, como nos estudos de Albert Lord e Milman Parry.

entendido aqui como indicador de um estágio menos evoluído ou primitivo das listas, mas somente como uma etiqueta temporal.

Algumas listas léxicas do período babilônico antigo

A-A A-A-A ou Silabário B (Silbenalphabet B)

Essa seria possivelmente a primeira lista que um futuro escriba tinha de estudar. O nome da lista “A-A A-A-A” provém de suas duas primeiras linhas, onde se pode ver cinco cópias do sinal cuneiforme denominado “A”:

a a
 a a a
 a ku
 a ku ku
 me me me
 me a
 me me a
 (Cavigneaux 1980-1983, 618)

A repetição dos sinais poderia ser um reflexo das muitas pronúncias que um mesmo sinal cuneiforme pode ter,¹¹ de forma que a escrita de cada um deles poderia ser acompanhada da repetição falada (ou imaginada) do correspondente sonoro, devendo este ser fornecido pelo professor durante as sessões de aprendizado.¹² A variação de sinais e, portanto, de sons, obedecendo a alguns padrões de repetição levou alguns a pensar que se tratasse de alguma notação musical. Por outro lado, a presença dessa lista como prólogo a uma lista de nomes produziu a interpretação de que se tratasse do treino necessário para a escrita de nomes próprios.¹³ Trata-se, de todo o modo, de uma lista de sinais cuneiformes simples e muito frequentes. Usada no ambiente de educação escribal no período babilônico antigo, é certo que era usada para os primeiros passos em direção ao domínio do cuneiforme.

TU-TA-TI

Essa lista contém entradas de sinais cuneiformes agrupados de três em três, como *tu-ta-ti*, *nu-na-ni*, *bu-ba-bi* e *zu-za-zi*. Assim como na lista anterior (A-A A-A-A), aqui não há a intenção explícita de trabalho com vocabulário, mas sim de gradual incorporação dos sinais da escrita cuneiforme e de suas vocalizações.¹⁴ É de se notar que certos grupos só podem ser compreendidos se pronunciados em sumério (por

¹¹ Civil, 2.309.

¹² Veldhuis, “Continuity and Change”, 103-4. Há, entretanto, que se considerar que a repetição do sinal possa também ser parte de um treino caligráfico ou que, para alguns sinais como A, possa ensejar a discussão de suas diferentes funções gramaticais, ou ainda, no caso de A-A, seu uso para escrever palavras como *dayyānum*, grafável em cuneiforme como *da-a-a-nu-um*.

¹³ Cavigneux, 618-9.

¹⁴ Veldhuis, “Continuity and Change,” 104.

exemplo, mu-gá-mi, com a intenção de ġu-ġa-ġi). Além disso, certas consoantes acadianas não são contempladas, a saber, as enfáticas *š* e *ṭ*.¹⁵ É muito difícil saber, talvez impossível, como os comentários do professor completavam o estudo desses sinais. O professor poderia, por exemplo, mencionar outros valores fonéticos para um mesmo sinal ou mesmo seus valores logogrâmicos.

Série das listas temáticas, ur⁵-ra = ħubullu

Talvez imediatamente após *tu-ta-ti*, o estudante começasse seu trabalho com uma série de listas chamadas hoje *listas temáticas*. A série de listas temáticas é referida normalmente pela expressão *ur⁵-ra = ħubullu*, que é a primeira linha da versão feita após o período paleo-babilônico. Em sumério, o termo *ur⁵-ra* significa um tipo de empréstimo, e *ħubullu* é o correspondente acadiano. Esse termo abre uma sequência de termos de negócios que preenchem os dois primeiros tabletes da série.¹⁶

O objetivo das listas temáticas é, como se pensa, ensinar certas seções do vocabulário sumério, organizado por temas ou capítulos,¹⁷ em uma tradição que vinha desde o período de Uruk. Ao longo da história, contudo, esses temas se ampliaram, de forma que os seis tabletes que compunham algumas versões paleo-babilônicas dessa série transformaram-se em 24 no primeiro milênio. Um exemplar paleo-babilônico da série, proveniente da cidade de Nippur, contém os seguintes temas: árvores e objetos de madeira; caniço e objetos de caniço; vasilhames e argila; peles e objetos de couro; metais e objetos de metal; animais domésticos; animais selvagens; cortes de carne; pedras e plantas; pássaros e peixes; estrelas; comida.¹⁸ Exemplos de outras cidades apresentam variações nos temas e na ordem em que são escritos.¹⁹

A organização interna dessas listas não deve, entretanto, ser tomada com algo dado e sem problematizações. Por exemplo, o touro selvagem (sumério AM) é listado junto com os demais animais selvagens, dentre eles o elefante e o camelo. O gado doméstico (sumério GUD), naturalmente, está entre os animais domésticos. Entretanto, para o porco, que em sumério é referido pela mesma palavra (ŠÁḪ), seja ele selvagem ou doméstico, não é possível uma solução tão simples. Na lista padrão de Nippur, toda a terminologia suína é colocada entre as tartarugas e as formigas, isto é, entre os animais selvagens. Em outra lista de Nippur, aparentemente fora da padronização local, a terminologia suína está entre os grandes mamíferos. Em um tablete de origem desconhecida, os porcos estão exatamente na passagem dos animais domésticos para os selvagens. Por fim, em um tablete escolar do período kassita, os porcos recebem tratamento igual ao de outros animais domésticos, com indicação para as expressões para se referir ao animal quando cruzou, quando engravidou, quando deu cria à luz e quando não cruzou. Esses exemplos mostram um caso em que a tradição discute o que

¹⁵ Cavigneaux, 618.

¹⁶ Veldhuis, "Elementary Education", 12.

¹⁷ Veldhuis, "Continuity and Change", 104.

¹⁸ Ibid

¹⁹ Ibid, 105; Cavigneaux, 627.

fazer com determinada categoria, isto é, problematiza sua existência.²⁰ Como já dissemos, a lista de porcos não se manteve nos textos canônicos, talvez devido a esse estado mal resolvido entre selvagem e doméstico.²¹

É de se notar que, no período babilônico antigo, essas listas continham em geral apenas uma coluna, com a maioria das entradas em sumério e sem tradução para o acadiano. Nas listas desse período, entretanto, há também, curiosamente, entradas em acadiano,²² podendo representar deslizes dos estudantes na cópia das listas, tomando a tradução pelo item a registrar. No primeiro milênio, além da ampliação de temas, como já mencionado, os 22 tabletes se faziam preceder de outros dois contendo expressões e palavras de textos legais e econômicos. Não se pode tentar explicar esse enxerto simplesmente como uma ampliação da série de listas temáticas, em primeiro lugar porque os dois novos tabletes iniciais trazem não só palavras, mas também expressões e, em segundo lugar, porque precursores desses tabletes legais e econômicos definitivamente não estavam ligados à série de listas temáticas no período babilônico antigo.

Sobre a série de listas temáticas no primeiro milênio, há ainda dois comentários a fazer. Elas diferenciam-se da série do período paleo-babilônico por terem uma segunda coluna, com a tradução para o acadiano de cada termo sumério.²³ Em outras palavras, a série deixa de ser um silabário para se tornar um vocabulário, na nomenclatura da assiriologia.²⁴ Além disso, a série coexistiu com uma série suplementar contendo uma terceira coluna com uma tradução adicional para o acadiano ou mesmo uma explicação do termo. No conjunto, essas duas diferenças podem refletir ou a necessidade de explicar termos que se tornaram canônicos mas que não tinham mais amparo no conhecimento geral do escriba ou um virtuosismo academicista do ensino do sumério agora munido de um aparato filológico e semântico que não era existente no ambiente, por assim dizer, mais prático do período babilônico antigo.

A lista principal de sinais simples - Proto Ea e Ea

Os tabletes paleo-babilônicos que preservam essa lista apresentam duas colunas. Em cada linha, encontramos a pronúncia de uma palavra suméria e um sinal

²⁰ Niek Veldhuis, "How to Classify Pigs: Old Babylonian and Middle Babylonian Lexical Texts," in *De la domestication au tabou: le cas des suidés dans le Proche-Orient ancien*, ed. B. Lion, & C. Michel (Paris: Ed. de Boccard, 2006), 25-9.

²¹ Sobre a questão dos suínos, é interessante ver também Antoine Cavigneaux, "Les suidés: pictogrammes et listes lexicales," in Lion & Michel. Além das hipóteses apresentadas, pode-se conjecturar se algumas das realizações da lista de porcos não seriam mais filológicas do que temáticas, apresentando não só o vocabulário sobre suínos, mas também os de outros animais com nomes derivados.

²² Cavigneaux, 626.

²³ Cavigneaux, 626-7.

²⁴ Mas pode-se sempre perguntar se a versão paleo-babilônica não seria também um vocabulário com a tradução dada oralmente.

cuneiforme que serve de logograma para essa palavra. A lista ensina, portanto, a ler os logogramas sumérios.

Entretanto, o sistema cuneiforme pode admitir várias leituras para um mesmo sinal (assim como pode haver vários sinais para uma mesma palavra). Como consequência, um determinado sinal cuneiforme pode figurar várias vezes na lista, em cada uma delas com uma leitura suméria distinta. Por exemplo,

| | |
|----------|---|
| 1. á | A |
| 2. ia | A |
| 3. du-ru | A |
| 4. e | A |

A título de esclarecimento: quando o sinal A é lido com o som da primeira linha, ele quer dizer “água” ou “sêmen”, quando é lido com o som da terceira linha, ele quer dizer “molhado”.²⁵

Em alguns tablettes, aparece também a tradução para o acadiano, razão pela qual alguns autores preferem usar neste caso o termo “lista de vocabulário” em vez de “lista de sinais”.²⁶

A maneira como as linhas dessa lista são ordenadas não parece seguir nenhuma regra geral, mas pode-se ver certas regras particulares regendo determinados trechos dela. Especificamente, há grupos de entradas consecutivas onde o princípio aglutinador é semântico. Por exemplo,

| | |
|--------------|-----------------------------|
| 467 tu-ur | TUR (pequeno) |
| 468 pe-eš | TUR |
| 469 du-mu | TUR |
| 470 za-za-na | TUR.ZA |
| 471 ga-la | GAL (grande). ²⁷ |

Durante o período babilônico antigo, essa lista teve como função primeira auxiliar o aprendizado do sumério. É de se notar, nesse contexto, que muitos dos sinais e significados estudados nessa lista já tinham sido aprendidos pelos jovens futuros escribas quando trataram das listas temáticas. Como já comentamos, alguns tablettes trazem também a tradução para o acadiano. Nesse caso, pode ocorrer de uma mesma palavra suméria admitir várias traduções para o acadiano. Por exemplo, a linha 2 já mencionada expande-se como:

| | | |
|-------|---|---|
| 2. ia | A | ana (uma preposição do acadiano) |
| 2. ia | A | ina (outra preposição do acadiano). ²⁸ |

²⁵ Veldhuis, “Continuity and Change”, 106.

²⁶ Cavigneaux, 620-1; Civil, 2.309-10.

²⁷ Miguel Civil et al. (eds.). *Ea A = nâqu, Aa = nâqu, with their Forerunners and Related Texts, Materials for the Sumerian Lexicon (MSL)*, 14, 1979, 50.

²⁸ MSL, XIV, 89.

Por volta do século XII, conclui-se um processo de expansão e canonização dessa lista, que opõe o exemplar paleo-babilônico contendo 918 linhas a uma série neo-assíria de 44 tabletas com 14.400 entradas.²⁹ Trata-se assim mais de um material de referência, talvez estudado apenas por eruditos,³⁰ do que de estudo introdutório, para o qual outras listas passaram a ser confeccionadas. A versão canonizada da lista apresenta, regra geral, a tradução em acadiano de cada sumerograma. Além disso, alguns exemplares apresentam também o nome do sumerograma. Um exemplo:

kur PAP *pa-ap-pu* *nak-ru*,

o que quer dizer que o sinal PAP, que se chama *pappu*, lê-se em sumério kur e significa em acadiano *nakru* (= inimigo).

Além desse inchamento da lista do período paleo-babilônico para a lista na forma canônica, parece ter havido uma tendência à sistematização, “um esforço por ordenar os sinais mais sistematicamente, fazendo-se um uso maior da proximidade gráfica”, colocando, por exemplo, o sinal ZA imediatamente após o sinal A.³¹ O esforço de sistematização levou, além disso, em alguns casos à criação de sinais compostos artificiais, isto é, que não ocorrem nos textos sumérios.³²

Por fim, deve-se comentar que a importância que essa lista teve no “pensamento” escribal reflete-se também na existência de listas derivadas. Em uma delas (chamada Ea-recíproca na assiriologia), as linhas são ordenadas não pelo sumerograma, mas pelo valor da primeira coluna, indicando talvez uma prevalência do caráter fonológico sobre o gráfico. Existe outra lista que é seu comentário mais tardio (do período persa), contendo sinônimos, variantes gráficas, explicações etimológicas e semânticas, bem como citações de textos clássicos.³³

Lista de sinais compostos - Proto-Izi e Izi

Na escrita cuneiforme, alguns logogramas para palavras do sumério são compostos, isto é, constituídos de mais de um sinal cuneiforme. É o caso, por exemplo, de SAG.DÛ, composto pelos sinais individuais SAG e DÛ, usado nos textos matemáticos para se referir a triângulo.

Na lista que descrevemos na seção anterior, os logogramas são predominantemente simples, isto é, compostos de apenas um sinal cuneiforme. Outras listas existem em que os logogramas são predominantemente compostos. Em uma delas, chamada Proto-Izi (ou Izi na forma canônica) a pronúncia da palavra em sumério coincide com a soma das pronúncias dos sinais. Por exemplo, o composto EN.NU.UN é lido *en-nu-un* e significa “guarda, vigia”. Proto-Izi é organizada

²⁹ Civil, 2310.

³⁰ Cavigneaux, 621

³¹ Ibid.

³² Ibid, 621-2.

³³ Ibid, 622.

fundamentalmente segundo a forma dos sinais cuneiformes, mas contém também muitas associações fonológicas.³⁴

| | | |
|----------------|------------|-------------------------------|
| kur | ma-a-tum | país |
| kur | ša-du-ú | montanha |
| kur | er-še-tum | os infernos |
| kur | ku-[ú-ru?] | ? |
| kur-kur | ma-ta-tum | países, nações |
| kur-ú-sal-la | | país localizado nas pradarias |
| kalam | | região |
| kalam-dagal-la | | região vasta |
| un | | população |
| un-dagal-la | | população vasta |
| un-lu-a | | população numerosa |
| un-šár-ra | | população inteira |
| ma-da | | país |
| á-dam | | lugar habitado ³⁵ |

Esses itens estão reunidos pelo seu pertencimento a um mesmo campo de significados e podem ser divididos em três grupos. Em primeiro lugar, vêm as palavras que usam o sinal KUR; em segundo lugar, as que usam o sinal KALAM (que é o mesmo sinal que UN); por fim, duas palavras reunidas pela semelhança sonora de seus sinais finais da/dam.

Cabe aqui mais um exemplo para ilustrar os princípios organizadores da lista, que é “basicamente gráfica, mas com muitas associações temáticas e gráficas”³⁶.

“Uma seção lista oito termos para estrada, sem nenhum sinal inicial comum. Segue-se uma seção de 20 linhas com ŠID, puramente acrográfica, e então, por associação fonológica com a leitura sid, vem sig₄ [hoje lido šeg₂₀], ‘tijolo’, e seus vários tipos. Isso, por sua vez, atrai uma seção sobre muros, que é seguida de termos para “sombra”, devido à associação conceitual.”³⁷

O parágrafo acima, admitidamente de difícil visualização, indica as associações que possibilitam as passagens entre os diversos trechos da lista: 20 linhas com o sinal ŠID, que leva a outro sinal por uma semelhança sonora, šeg₂₀. O último, significando tijolo, permite a transição para uma seção sobre muros. Por fim, a associação conceitual permite a passagem para uma seção contendo termos para sombra.

³⁴ Civil, 2310. A coluna com as traduções, evidentemente, não faz parte da lista original.

³⁵ Izi I 224-236, apud Cavigneaux, 632.

³⁶ Civil, 2310.

³⁷ Ibid, colchetes são nossos.

*Lista de sinais Compostos - Proto-Kagal e Proto-Nigga*³⁸

A organização dita “acrográfica”, isto é, de acordo com o primeiro sinal de cada palavra, é mais fortemente utilizada em duas listas correlatas, chamadas Proto-Kagal e Proto-Nigga, ambas contendo apenas uma coluna. Contudo, mesmo aqui a organização não é estritamente baseada no sinal.

Em Proto-Kagal, há apenas três seções: “uma seção temática tratando de 'portas e construções' e duas seções acrográficas tendo respectivamente por sinais chaves A e GIŠ.” Proto-Nigga tem seis sinais chaves (não são estritamente seis seções acrográficas, pois os sinais não estão sempre na posição primeira).

Lista de sinais compostos - Proto-Diri e Diri

Como já comentado, algumas palavras sumérias são indicadas por uma composição de sinais em que a pronúncia é a composição das pronúncias de cada sinal. Esse tipo de palavra predomina nas listas Izi, Kagal e Nigga. Pode ocorrer, porém, que a pronúncia da palavra seja diferente da junção das pronúncias dos sinais individuais. Por exemplo, o composto KI.KAL é lido *ḫirim*, uma planta. Palavras onde esse fenômeno ocorre estão reunidas nas listas Proto-Diri e Diri. Há por volta de 700 palavras desse tipo em uma lista do período paleo-babilônico, enquanto que a versão canônica final apresentava pelo menos 1.800 entradas.³⁹ Há, entretanto, que se indicar uma importante diferença de conteúdo entre a versão babilônica antiga e a versão canônica. Em Proto-Diri, encontram-se apenas duas colunas, uma com o sumerograma composto e outra com a tradução para o acadiano. Por exemplo,

| | | |
|------------|-----------------|-----------|
| KI.NE | <i>idrānum</i> | potassa |
| KI.NE | <i>kinūnum</i> | caldeirão |
| KI.GAŠ.KUR | <i>tākultum</i> | banquete |

Para sabermos hoje que essas três palavras se pronunciavam em sumério, respectivamente, *nemur*, *gunne* e *šubun*, é preciso recorrer a outras fontes, em particular à versão canônica da lista.⁴⁰ A ausência da leitura da palavra suméria na versão paleo-babilônica se deve talvez a que os estudantes que chegavam a Proto-Diri já se encontrassem em um estágio avançado do estudo, o que os dispensava de escrever a pronúncia suméria.⁴¹

Outra diferença entre a versão precursora e a canônica é o número de traduções para o acadiano de cada termo sumério. Na versão antiga, normalmente há apenas uma tradução para o acadiano, enquanto que na versão posterior o número pode ser artificialmente grande. Por exemplo, na versão canônica, *diri* é traduzido de 25 formas distintas.⁴²

³⁸ Cavigneaux, 632.

³⁹ Civil, 2310.

⁴⁰ Cavigneaux, 625.

⁴¹ Ibid.

⁴² Cavigneaux, 625.

Por fim, algumas versões canônicas de Diri apresentam também, além da pronúncia do logograma composto, o nome desse logograma. Por exemplo,

e-zi-nu ŠE.TIR še-e tir-ru-ú ^d aš-na-an o deus Ašnan⁴³

Listas como material para história cultural

À parte o uso que assiriólogos têm feito das listas como fonte para a reconstrução do sumério e do acadiano, bem como para a redação de gramáticas e dicionários dessas línguas, as listas léxicas têm sido objeto de investigação para a história da cultura. Que visões de mundo as listas incorporam? Que princípios intelectuais estão na base de sua elaboração? Podem as listas falar algo sobre possíveis divisões disciplinares no pensamento mesopotâmico (em termos bem rudes, existiriam uma botânica e uma zoologia, por exemplo)? Essas questões, postas em um âmbito mais generalizante, conduzem a um indagação sobre a existência de uma ciência mesopotâmica, isto é, um modo de produzir conhecimento que possa ser rotulado de mesopotâmico. Vejamos, então, algumas posições a respeito dessas problemáticas.

Uma hermenêutica

Uma lista como Diri pode conter não apenas traços de um vocabulário e uma gramática do acadiano, uma teologia, administração, topografia, trabalhos braçais, economia, zoologia e botânica, mas também princípios de uma hermenêutica especulativa.⁴⁴ A base do argumento é que Diri é construída sobre uma base de práticas epistêmicas e práticas de representação cujos traços se deixam notar nos princípios organizadores que exemplificamos em seções anteriores deste trabalho: a organização acrográfica, que agrupa palavras em que o primeiro sinal é o mesmo; organização por semelhança fonética; e organização por associação semântica, incluindo o caso dos antônimos. Há ainda outras regras organizadoras, como a telográfica (agrupamento de palavras que têm o último sinal igual) e a organização por semelhança na forma dos sinais cuneiformes (não necessariamente fonética).⁴⁵

Esses princípios organizadores se põem em paralelo a outros, também codificados nas listas léxicas, especialmente em Diri, que dizem respeito à operatividade dos sinais cuneiformes. Lembremo-nos que as duas línguas envolvidas são de naturezas radicalmente diferentes. O acadiano flexiona (é, afinal, uma língua da família das línguas semíticas), ao passo que o sumério aglutina elementos gramaticais na construção de seus significados. Não há aqui a possibilidade de uma relação de

⁴³ Cavigneaux, 626.

⁴⁴ Markus Hilgert, "Von 'Listenwissenschaft' und 'epistemischen Dingen'. Konzeptuelle Annäherungen an altorientalische Wissenspraktiken," *Journal for General Philosophy of Science* 40 (2009): 277-309, em 299.

⁴⁵ *Ibid*, 291-6.

homologia imediata entre as duas línguas. Além disso, não há tampouco uma relação possível entre os casos gramaticais do sumério e os do acadiano. Em sumério, nas orações “o pai dorme” e “a mãe prepara o jantar”, “pai” e “jantar” têm o mesmo caso nominal, o absolutivo.⁴⁶

Não é tarefa imediata codificar o comportamento do sumério a partir do acadiano e a operatividade dos sinais cuneiformes é um dos pontos a abordar. Assim, as listas léxicas expõem problemas como a reduplicação de sinais cuneiformes em sumério, o efeito da adição de mais um sinal a outro já catalogado, bem como, às vezes, a impossibilidade de produzir uma forma gramatical correta em acadiano que seja uma representação adequada do resultado dessas operações. Seria em função disso que as listas apresentam também palavras (sumérias e acádias) que jamais são usadas nos textos que sobreviveram até nós.

Adicionalmente, seria também o caso de se pensar como as listas foram agentes na interação entre o sumério e o acadiano. À medida que o acadiano tomava lugar como língua falada correntemente, o sumério passava a ser influenciado por ele, por exemplo, recebendo termos acadianos de empréstimo em seu vocabulário. Em outras palavras, a precedência cronológica do sumério não equivale à uma suposta autonomia em relação ao acadiano. Nesse contexto, a produção de material em sumério, as listas léxicas, para ensino a falantes do acadiano, é instrumental nessa relação, podendo mesmo ter moldado alguns desses empréstimos e catalisado influências recíprocas que de outro modo poderiam não ter ocorrido.

Ordnungswille e Listenwissenschaft

Von Soden, em um trabalho de 1936 (ao qual, porém, não pudemos ter acesso direto), desenvolve dois conceitos em relação às listas léxicas. O primeiro deles é o de desejo de ordenação, *Ordnungswille*. Para von Soden, os sumérios foram dotados de um desejo de compreensão da realidade natural, que se expressaria primariamente pela ordenação dos elementos do mundo em categorias. Os babilônios teriam redefinido as listas como dicionários por falta desse desejo de ordenação. A teoria de von Soden, entretanto, está ligada a um juízo de valor das “raças” suméria e babilônica. Segundo von Soden, nem sumérios nem babilônios teriam podido desenvolver um pensamento científico como as raças arianas ou indogermânicas.⁴⁷

Nem seria preciso comentar o encaixe desse argumento com a ideologia nazista. A respeito disso ainda, é interessante lembrar a impossibilidade de identificar as categorias linguísticas, étnicas e raciais.⁴⁸ De toda forma, de acordo com von Soden, os sumérios teriam desenvolvido uma *Listenwissenschaft*, uma ciência das listas, com a finalidade de satisfazer o desejo de ordenação.⁴⁹

⁴⁶ Dietz O. Edzard, *Summerian Grammar*(Leiden: Brill, 2003), em 35.

⁴⁷ Apud Veldhuis, *Elementary Education*, 6.

⁴⁸ Oppenheim, 48.

⁴⁹ Apud Hilgert, 281.

*Uma ciência da escrita*⁵⁰

Para que serve uma lista léxica? Para que serve uma lista de maneira geral? Talvez a pergunta, colocada assim, não faça justiça ao empreendimento mesopotâmico de construção e manutenção da tradição de listas. Será possível estabelecer o sentido de uma lista independentemente das demais e não sair de uma platitude? A-A-A A-A treina os sinais básicos, Diri treina os logogramas compostos com determinada característica de pronúncia e assim por diante.

Entretanto, se olhadas no conjunto, as listas podem ser entendidas como uma articulação de saber em torno da escrita, uma ciência da escrita e, por assim dizer, não haveria nenhuma situação mais apropriada para tal reflexão senão a do uso do sistema de escrita cuneiforme, elaborado no seio do sumério, por uma população de língua acadiana. Essa transição de idiomas, associada à necessidade de adaptação de um sistema de escrita, constituía-se em um feito sem precedentes na história mesopotâmica, ensejando um esforço de reflexão tanto sobre as línguas envolvidas como sobre o sistema cuneiforme, ferramenta ao mesmo tempo de registro e de tradução. Assim, uma série como a de listas temáticas passa a ser entendida não somente como um tratamento de objetos de madeira, de peixes e aves e de recipientes, mas também como um ato de saber sobre a escrita executado propositalmente.

Conclusão

Novas perguntas

Embora tenhamos cumprido nossa meta no presente estudo, terminamos com mais perguntas do que respostas. Que outras listas fizeram parte do repertório mesopotâmico? Por que algumas listas (como a de porcos) não passaram a integrar o currículo? Por que os princípios gerais de sua composição, se é que os há, são tão elusivos, provocando nos especialistas teorias como a de uma *Listenwissenschaft* ou de uma ciência da escrita? Por que nas listas existem palavras que não ocorrem em nenhum texto prático sobrevivente? Na análise das listas, deve-se levar em conta que o desenvolvimento mais intenso da escrita cuneiforme se deu inicialmente para o sumério?

Enfim, será possível determinar uma ideia unificadora que explique toda a produção intelectual mesopotâmica, em suas variantes geográficas e cronológicas, isto é, existe uma intenção estrutural que defina e determine as demais intenções do texto na composição e manutenção da tradição léxica, ou devemos permanecer em uma pluralidade de intenções que, como se constituíssem também uma lista, seguiriam umas às outras sem necessariamente hierarquizar-se?

⁵⁰ Veldhuis, *Elementary Education*, 139 et seq.

Dois comentários

A prática de confecção e estudo das listas léxicas exemplifica bem no contexto mesopotâmico a distinção possível entre um texto e suas realizações. São, afinal de contas, essas realizações que sobrevivem nos tabletos de argila que hoje estão nos acervos de universidades e museus. É possível que, na história intelectual mesopotâmica, um texto fosse um objeto com mais plasticidade do que lhe atribuímos hoje. As variações regionais e temporais das inúmeras realizações de uma mesma lista parecem apontar nessa direção, de forma que não seria um empreendimento totalmente correto, do ponto de vista historiográfico, tentar estabelecer uma “edição crítica” de uma lista sem determinar um tempo e espaço de sua validade, ainda que a mesma lista ocorra em tempo e espaço mais largos. Em sentido estrito, cada ocorrência material de um tablete com conteúdo léxico é a realização de um texto que nunca existiu materialmente na antiga Mesopotâmia, “a” lista léxica do qual ele adviria. “Essa” lista léxica só existe nas edições de hoje, que compilam as várias ocorrências isoladas, finitas, de seus trechos - como já indicado, provenientes de regiões diferentes e de diversas escolas de escribas. Assim, o que é o texto de uma lista léxica, senão a abstração de um texto possível, nunca realizado na sua totalidade? Isso mostra que antes de tudo os escribas paleo-babilônicos que produziram listas léxicas o faziam mais a partir de uma “prática léxica” do que da manutenção de modelos rígidos.

A relação entre listas léxicas e textos matemáticos

No período paleo-babilônico, os textos léxicos sobreviveram na mesma tradição que manteve os textos matemáticos, isto é, a tradição das *edubas*, as escolas de escribas. Há mesmo casos em que um mesmo tablete escolar mistura os dois gêneros. E há casos em que os mesmos temas são tratados do ponto de vista léxico bem como do ponto de vista matemático, como nos exemplos dos vasilhames e barcos de capacidades padronizadas e dos tijolos de argila.

A coexistência de textos matemáticos e léxicos no preparo escribal indica um posicionamento sobre sua compatibilidade, uma complementaridade necessária ao futuro profissional da escrita. Indica também um eco do nascimento da própria escrita, técnica que ganhou forma em Uruk, no final do quarto milênio, servindo para grafar o sumério e para carregar formas matemáticas necessárias para a administração do templo, do excedente agrícola e da força de trabalho, condições que foram fundamentais para o desenvolvimento de cidades de grande porte pela primeira vez na história da humanidade. Matemática e sumério, com realizações corpóreas no cuneiforme, estão assim entre os desenvolvimentos mais impactantes e longevos do início das culturas mesopotâmicas, e seus ecos deviam ainda se fazer ouvir nas *edubas* paleo-babilônicas, em cada ocasião que um jovem estudante repetia os passos do professor em direção ao domínio dessas ferramentas.